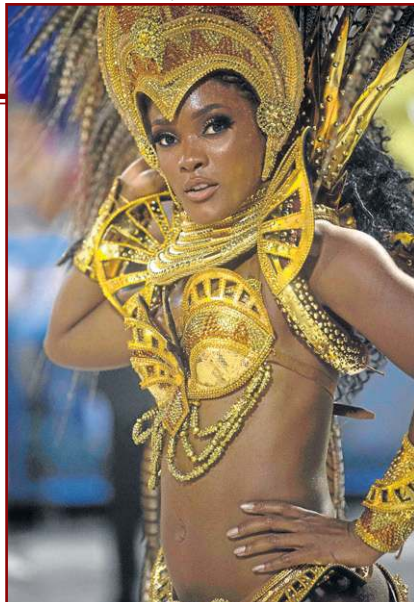


Mauro Pimentel/Divulgação



Por quatro anos, rainha de bateria da Viradouro

Reprodução/HBO



Candinha, uma prostituta vítima de violência

Na novela, Erika interpreta a mãe de Duda Santos, que tem 23. A atriz recebeu a questão com naturalidade e uma reflexão sobre o tempo e a maternidade: “O jeito de envelhecer mudou muito. Uma mulher de 40 anos, hoje, é completamente diferente do que a gente via e pensava há anos atrás”. Ela aproveita para falar sobre a própria relação com a maternidade, ainda não vivida, mas presente na ficção. “Ser mãe de uma adulta é você saber que é um ser humano que está formado, que tem opiniões e livre vontade de fazer e acontecer. Você tem que observar, mas não se esquecendo que é mãe, que quando precisar tem que puxar a orelha e tem que respeitar, independente da idade do filho, porque mãe é mãe”, disserta.

Personagens que denunciam

A trajetória de Erika na televisão é marcada por personagens que abordam feridas sociais. Em *O outro lado do paraíso* (2017), era uma quilombola que se torna juíza. Em *Verdades secretas 2*, em 2021, viveu uma modelo destruída pela pressão estética. Em *Arcanjo renegado*, é uma policial enfrentando o feminicídio. A atriz reconhece o padrão e o abraça: “Todas as minhas personagens, de alguma forma, me deram esse presente de poder discutir assuntos. Eu gosto muito de personagens que dão a oportunidade de fazer denúncias, de contar histórias que, ao mesmo tempo, fazem as pessoas pensar”.

A chegada ao *Saia justa*, em 2025, veio em um momento de muitas mudanças: a saída da Viradouro após quatro anos como rainha de bateria, os 40 anos, a mudança de casa, transformações no relacionamento. “Quando eu saí da Viradouro, fiquei com aquela lacuna, porque estava há quatro anos me dedicando, sendo muito feliz. Porque eu amo o carnaval mesmo. Me dediquei. Saio com a missão cumprida”, garante.

O convite para o programa surgiu depois de uma participação sua no especial *Rainhas*, também do GNT. “Eu me lembro que quando recebi o convite para o *Saia justa*, eu ouvi: ‘A gente gostou muito do trabalho que você fez no *Rainhas*’. E fiquei muito feliz, porque o *Rainhas* foi um projeto muito de coração. Mas o *Saia* eu tive um pouco de medo, porque eu falei: ‘Ai, meu Deus, é emitir minhas opiniões. O que as pessoas vão pensar do como eu penso?’”, reconhece.

O medo deu lugar a uma entrega genuína. “Eu tento ser o mais transparente possível. Realmente digo o que estou sentindo. Pode ser que nem todo mundo concorde, mas eu tenho sido muito verdadeira com as coisas que falo ali e penso. Quando não entendo, não entendo; quando não sei, não sei. E quando é alguma vivência, gosto de compartilhar, não porque minha vivência seja melhor que a dos outros, mas é minha vivência, que talvez possa conectar com alguém”, defende.



Como uma policial linha dura em *Arcanjo Renegado*



Ao lado de Tati Machado, Eliana e Bela Gil no *Saia justa*



Niara é uma rainha africana em *A nobreza do amor*

Altos e baixos

Olhando para trás, Erika lembra de quando estreou como protagonista em *Suburbia*, em 2012, e do medo de que o trabalho fosse um ponto fora da curva. “Quando saí do meu trabalho como secretária da escola, falei com a minha ex-patroa: ‘Quando acabar o mundo, eu posso voltar?’ Porque eu não sabia se mais alguém ia me dar oportunidade. Era meu primeiro trabalho como atriz na vida, e eu não sabia o que me esperava, se ia dar certo, se não ia”, recorda-se.

A carreira que veio depois, com altos e baixos, consolidou uma característica que Erika reconhece em si mesma desde os tempos de concurso de beleza em Contagem: a insistência. “Por muitos anos, eu participava de concurso de beleza em Contagem e recebia não, e dava errado, e tentava e tentava e dava errado,

eu nunca desistia. Eu ia aqui, ia ali, todo mundo olhava para mim e falava: ‘Cara, está dando tudo errado, já chega’. E eu não desistia, sempre fui muito insistente”, avisa a atriz.

Hoje, aos 40, Erika Januza segue insistindo. Entre uma personagem de época e outra, entre o palco do *Saia Justa* e a avenida, entre a timidez e a exposição, ela tenta se manter fiel a uma máxima simples. “A Érika, no mundo, vai dançando conforme a música, mas nunca sem perder quem eu sou e de onde eu vim, que é muito importante. Muita gente se perde, muita gente acha que é melhor que os outros, que pode maltratar os outros por causa de posições, cargos, lugares que ocupa. Isso me irrita muito. Então é uma coisa que tento e pratico muito, nem é muito esforço para mim, mas pratico e peço a Deus para que eu nunca seja essas pessoas que acham que são melhores que os outros por qualquer motivo que seja”, finaliza.